

# ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 71

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE MARÇO DE 1905

E prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

## ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

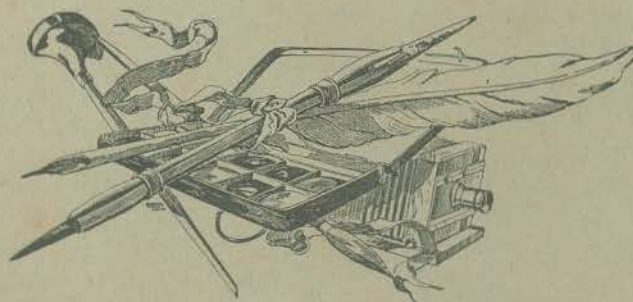
Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Brazil

Anno.....	45\$000 moeda fraca
Semestre.....	25\$000 " "

Territorios da união postal

Anno.....	9\$000
Semestre.....	6\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO."

43-RUA FORMOSA-43

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do Jornal O SECULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

# PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço: *ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA*—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 48—LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 13 DE MARÇO DE 1903

NUMERO 71



A DANÇA DA BICCA

O jury nomeou pela commissão dos theatros carnavalescos da Avenida delhi, condecorar o segundo premio em dia d' Entredo á dança da Bicca. Foram poucas as mascaradas que appreciam dignas de ser classificadas. A dança da Bicca representa uma velha tradição e por isso se lhe concedeu o premio. A noite da Avenida formaram uma pyra humana, em baixo quatro homens fortes— três—forçaram os joelhos a outros que por sua vez seguiam ainda outros, enquanto lá de cima um d'elles desfaldava uma bandeira. Com a dança da Bicca appo receberam para concorrer ao premio, além d'outras, as tropas musicas *La Chiquita*, *Nestlan Milano* e varias

cegadas e e pastadas. Havia tivo premio a distincão: um de 10000 reis que coube ao Batalhão de Alfama—concorreu de 20000 reis para a dança da Bicca, um de 10000 reis para a mascara de maior originalidade e que foi conferido a um obreiro que se apresentou com um traje de auto-confecção de por elle proprio. Um objecto d'arte, que devia ser disputado entre as mascaradas dos theatros pertenceu á 3 de theatro da Trindade, que se apresentou com grande numero de figuras muito bem vestidas, variados palanquins, etc.

# CHRONICA

## A mascara-symbolo

Já vai longe o carnaval no entanto ainda me recordo d'uma mascara. Decerto a muita outra gente, aos rapazes sobretudo, ficou a impressão d'uns olhos que eram negros e brilharam através d'um *loop*, d'uma bocca fresca a deixar se apenas adivinhar, ou d'um começo de sorriso encantador, ou d'um mysterio que lhes agradou. Nas ruas não havia d'essas mascaras, só nos bailes ellas existiam. Pois foi n'um baile que passou essa mascara de que ainda agora me recordo.

Nas janellas do Chiado havia mulheres lindas, vestidas de branco e empodadas como moleirinhas, de pé, os bustos direitos nas cambolietas, os olhos molhados d'essa luz d'alegria, que é uma transição entre o olhar dos mortos e o dos deuses; passaram, nas carruagens n'essas largas e silenciosas filas de vehiculos alguns enfeitados com arte, as mais bellas senhoras d'esta cidade de lindas damas; no baile infantil de D. Maria, as mais formosas mães levaram as crianças que eram outros tantos anjos cheios de belleza e graça, mas só essa mascara de que me lembro ficou a minha retina, só ella me apparece d'uma singular maneira.

Na Avenida, nos dias de batalhas de flores, de trem para trem trocavam-se sorrisos e só sorrisos, alguns de mais valor que as flores e mesmo que o ouro — o rei carnaval no seu carró colossal abria esse cortejo incharacteristico e comprido, passavam fortes automoveis armados como tarcos de certo effeito, todos elles rosas desde a ponta dos mastros ao fecho da quilha, mas como tudo isto caminhava lentamente, sem um berro, sem um gesto maior, entre as alas silentes da multidão embasbacada, não me ficou cousa alguma d'essas como uma nota duradoura. Apenas da mascara me recordo, porque ella é para mim um symbolo.

As danças enfarruscadas, compostas de martelões, com flechas derrancadas e fatos estrangalhados, as candelas com a sua monotonia de lado, miserissimas pelos rostos dos cantores, pela toada e pelos versos, as proprias mascaras isoladas, sem dizerem palavra, essa falta d'espírito, essa paragem

da vozzeria que em Portugal sempre houve desde os tempos em que D. Pedro, aquelle crã da historia, aquelle alegre do nosso entonimento, andava pelas ruas dançando entre luzeiros e com grande copia de trebelhões a algazarrear, tudo isso me fez pensar mais do que nunca n'essa mascara que para o meu espirito é a definição do grande sentimento do carnaval lisboeta.

Do entrudo que Deus tenha, não ficou nem um traço de gosto nem um dito d'espírito, apenas se tirou uma conclusão bem triste: que o portuguez não tem já a comprehensão dos seus deveres.

Na politica pactua, curva-se, deixa andar, na vi-

pirot como se estivesse com a opa do Santissimo, assistindo na Avenida ao Carnaval como na rua da Palma em dia de procissão dos Passos da Graça, fazendo tudo isto sem convicção, indo a essas coisas por ir, com a mesma inconsciencia com que deixa roubar as eleições e trocar os deputados, que elegel!

Não foi por isso esse povo que ficou a impressionar-me; quando muito apenas podia desolar-me. Um carro allegorico á tratantada dos tabacos, com charutos colossaes e sobrescriptos com as letras A e B, e a que servia de protesto ri o no meio da cumplicidade geral.

Não houve o gosto de fazer uma grande festa; teve-se em mira apenas gastar-se pouco. Dos trens deitavam-se saquitos de seda com confeitos de gesso, alguns com pedras; as flores eram jogadas com candelas — como se fosse ouro em pó, quando acavamos por cauidas de ramos, vindos dos andares n'uma verdadeira chuva de batalha em que ramos e ramos garriños e frescos fossem transformar as carruagens em jardins e fazer realçar entre as petalas as carnacões esplendidas e tambem em flor das bellas mulheres. Mas não se fez isso. Nem uma simples violeta se pôde gabar de ter passado apenas de uma mão a outra, de não ter seguido essa via dolorosa de arremesso. Da passagem por milhares de dedos até desaparecer estrangalhada sob as rodas dos vehiculos.

Eis a razão por que me lembro muito d'essa mulher que no seu domini pobre, d'alguem que tinha gerações, que assistira a ceias e que já se enfiara n'outros corpos, passou despercebida da multidão no baile do D. Amélia até á hora em que, após uma valsa dançada no redemoinhar da multidão, entre poeira, sob as luzes, levou as mãos á garganta e se recolheu ao corredor para morrer d'aneurisma.

A mascara que me recordo é esta com o seu fato pobre e com a sua immobilitade, ella é a mascara symbolo, aquella que marca o entrudo, e qual tambem passou mettido n'um fato misero, sem um gesto differente dos que se fazem na Quaresma e que da mesma maneira banal succumbiu e em quarta feira de cinzas foi enterrado, deixando-nos apenas a recordação miseravel do seu fato velho e das suas botas lortas e a nota tragicomicca da sua mascara que ao arrancar-se deixava ver a face, como a da mulher, enfiada... morta! ROCHA MARTINS.



GRUPO DE JAPONÊZES NA ESCOLA POLYTECHNICA

da vai aos baldões, na turba, não reage; chega o carnaval, faz uma carregação de serpentinos e vai embasbacar-se, d'olhos escancarados, a ver passar fileiras de trens que seguem como n'um enterro levando gente vestida de preto. Houve até quem marçasse bem essa bendicida para o luto em carros de allegoria, houve mesmo uns rapazes que, prohibidos pela auctoridade de fazerem cortas brincadeiras fóra do edilal, puzeram um crepe no chicote do seu cocheiro. E o povo sempre na mesma, queto, mudo, segurando o mesmo sorpetino que trouxe ao sair de casa, vestido de domini ou de



Á CHEGADA DO REI CARNAVAL — O SINALEIRO DO BATALHÃO D'ALFAMA FAZENDO SINAES PARA BORDO DO VAPOR ONDE VINHA O REI CARNAVAL



OS DONOS DO PANORAMA DA PALESTINA  
(SRS. PANSOR E BASTOS)



A BARRACA ANTI-DILUVIANA



O SR. NUNES DA SILVEIRA VENDENDO OS SEUS PRODUTOS



UMA CAMAREIRA (O SR. PERESTRELO)



O CARNAVAL DOS ESTUDANTES NA ESCOLA POLYTECHNICA—A GUARDA DOS «AR-CHEIROS MORNOS»

No pátio da Escola ao saírem em socorrida de compadres armaram as suas barracas e um arremedo de feira e fizeram um cortejo allegorico. Foi uma festa cheia de morbidade e ostentante de graça e de espirito. Nas barracas havia cecicones que em phrasas de effeito carnavalesco indicavam as suas exposições chizas de piadas aos lentes. A guarda dos *Ar-cheiros mornos* ressurpantes de *revo* e as *chirgas* eram admiraveis como as de *Janotina da Palestina*, o *Fan-*

*Donos d'elles d'elencos*, a *Bazar de Caridade* e a *Electrical House*. O estudante sr. Silveira, empoleirado a' uma banquetta, usando a linguagem dos vendedores da ingredientes que fazem negocio na praça p publica, era deversas interessante ao recomendar os seus productos e o cortejo fez vir a bandeiraras despregadas os espectadores ao apresentar-se com os seus *aprilhados d'armos*, parodia a policia, e com o orpheon artificial, que ensurdecia e causava a mais franca hilaridade.



A MENINA MARIA CELESTE  
Vestida de Jardineira

FRANCISCO AGUAS  
Vestido de Luiz XV

MENINOS JOÃO E ADILDADE PERRIRA  
Vestidos de campo e hespanhola

MENINA JOSE RODRIGUES  
Vestida de ceifeira



A MENINA ALBERTA DE SOUSA MENEZES  
Vestida de Luiz francez (premiada)



MENINA VIRGINIA TRIBEIRA  
Vestida a Luiz XV

MENINO CARLOS AGLEN  
Vestido a Pomponet



MENINA IRIS DOS SANTOS RILVA  
Vestida de Capito (premiada)



MENINO FREIRE  
Vestido de forrado



A «TROUPE» DE EXCENTRICOS CARNAVALESCOS—(Phot. Phenix do sr. Mesquita)

A «troupe» de mancebos excentricos carnavalescos composta por distintos aradurers e vestida d'uma maneira garrida não se concertou e tirou um fozco nas ruas. Foi ao lado d'Agada, onde se fez ouvir por S. M. a rainha senhora D. Maria Dia que muito a apreciou, tendo palavras de elogio para os musicos e avariando um pequenillo que no seu traje de pierrot o empunhando uma batuta fingia reger a troupe.



O MENINO ABEL PERRIRA  
Vestido de campo

ALGUMAS DAS CRIANÇAS QUE CONCORRERAM AO BAILE INFANTIL DO THEATRO D. MARIA E A «TROUPE» DE EXCENTRICOS CARNAVALESCOS (Phot. de Vianna & Lopes)

O baile infantil do theatro D. Maria esteve concorridissimo e devesa animado. Os pequeninos arranjavam reguedos, bonavam attitudes, dançavam com allegria, mistidos nos seus trajes de diversas especies ou nos uniformes de phantasia. Aqui um pequenino empino valvata com um interessante cadete, acolã uma gentil amazona com um pagem Luiz XV, mais além um guarda

municipal justava-se com um rei, um pequeno varino folgava com uma rainha: E ao lado de toda esta confusãõ, na haberdia, as classes, elles sentiam-se felizes com a mira nos premios que lhes foram distribuidos no salão de theatro.



VISCONDE DE S. LUIZ DE BRAGA  
E SOUSA BASTOS



AFFONSO TAVEIRA E PORTULEZ

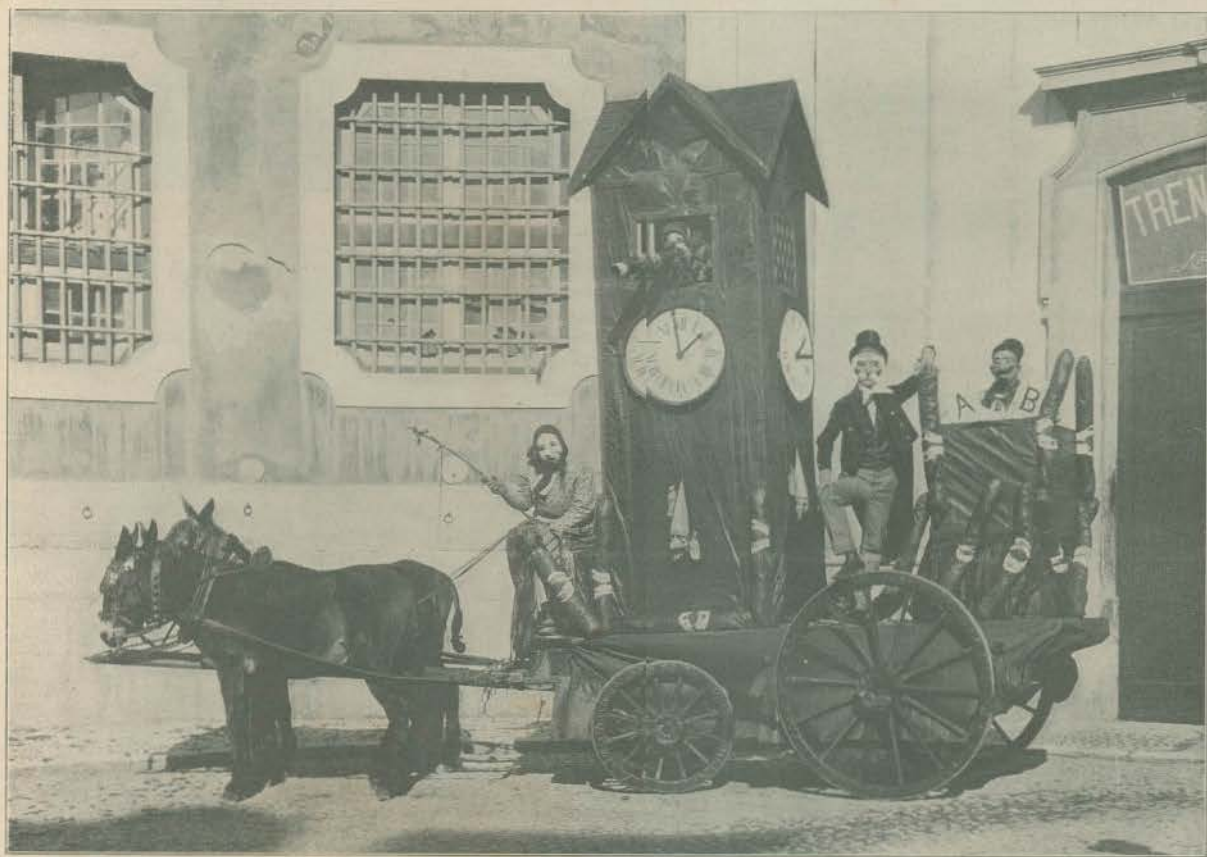


FERNANDO MAIA



JOSÉ RICARDO E VALLE

AS CARICATURAS DOS EMPREZARIOS DOS THEATROS, TRABALHO DE JULIAO MACHADO



O CARRO ALLEGORICO A NEGOCIATA DOS TABACOS

Este carro, pela sua flagrantíssima alusão, pela sua execução bellissima, chamou as attentões e gerou uma gargalhada continua nas ruas por onde passou. Na ávida curiosidade de saber, levantaram-se impressões, havia palavras de humor para essas ideias de protesto no meio da diversão, a essa spirituosissima charge. O carro era formado por uma torre com relógios que marcavam duas horas e um quarto e nas janelas apparecia um ruço que através um largo tubo rasgava: *chen!* *chen!*...

Do interior da torre vinha então um prestidigitador, declarando em sarcasastica phrase ser chegada a hora do concerto e que um dos concertistas lá se encontrava em atraso. Apparecia então um judeu de grandes barbas e *chebia* á banda que entregava ao prestidigitador dotes enormes subscritos com as letras A. B. e logo o outro começava uma arenga tirando do dentro do cha-

peão a grande quantidade de flus, as do relógio e batava: *«Ha pouco eram duas horas e um quarto, agora são duas horas exatas. E' o momento do concerto. O judeu dava-lhe então mais envelopos e marcados com J e S e A. B. e o prestidigitador gritava: aqui está um barbo!* ao que o outro voltava: *Não se preocupe!*

O carro tinha em volta grandes charutos, os pendulos dos relógios eram saccos com o seguinte letrario: *Léguas Têxas* e o outro-liv representava uma *virada forte e enérgica*, alludindo ainda a alguem que domina no momento actual a politica portugueza, e que dava ordens ao prestidigitador em *vea ti a*, no mesmo tempo que chocalava os sacos.

Foi o successo do dia de Entrado esse carro que ficou na memoria de todos como uma bellissima charge á questio dos tabacos.



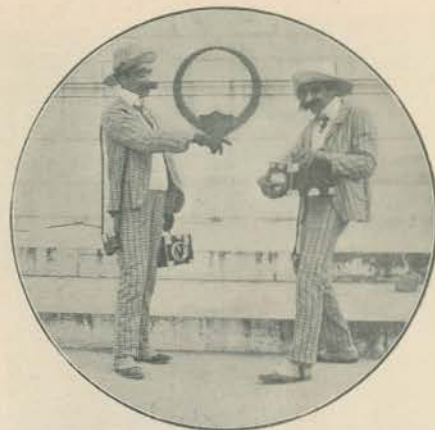
AMILÃO E GENOVEVA

Os typas tradicionais do carnaval que andam pelos ruas nos dias de entendo



A ESTUDANTINA «NICOLINO MILANO»

Classificada no grupo das mascaradas pelo jury d'Avenida



OS SRS. OLIVEIRA CAMILLO E RAUL ALVES

Vestidos de photographos inglezes



O CARRO DO THEATRO D. AMELIA

Na sua simplicidade o carro era interessante, sobretudo pelas figuras allegoricas que os actores representavam: Carlos d'Oliveira, a troçoila, Alvaro Cabral, o drama historico, Henrique Alves, a comedia, e o actor brasileiro Leonardo, n'um traje de rigor á 1820, incarnava a farça de que elle tão bem sabe tirar effectos.



O CARRO DO THEATRO DO PRINCFE REAL

Todo composto sobre motivos da revista o *Anno em 3 Actos*, que foi o successo theatral da epoca, ganhou o primeiro premio offerecido pela commissão do Chado. Os cocheiros eram os soldados da guarda fiscal da revista e na traseira do carro surgindo de petaldas de todas cores viam-se a. mulheres que do mesmo modo entram no final do 2.º acto da peça. O carro, trabalho de Eduardo Reis, foi recebido com palmas e com bravos, sendo muito victoriado José Ricardo que o seguia com Lep-piccolo n'um trem.



A MASCARADA DOA TRINDADE

A Mascarada da Trindade ganhou o premio na Avenida em dia de estrada, já pelo pittoresco de conjunto, já pelo grande numero de figuras que levava adiversas a obras representadas.

é n'aquella theatro. Os palanquins eram de bom saborio affecto assim como a comparsaria, que, rica e mente variada, enchia de alegria e de imprevisto as ruas por onde passava.



UM ASPECTO DA AVENIDA EM SEGUNDA FEIRA I DE CARNAVAL COM O CARRO DO GYMNASIO

O carro do Gymnasio levava cinco dres mascaradas, trabalho que Raphael Bordallo fez para uma revista de Schwabach e que representem Valle e Taborda. Ellas são d'uma flagrante semelhança e os typos que assim atravessaram as ruas fizeram rir a bou rir. A mascara de Valle vestia de Commissario de Policia; a de Taborda representava o actor no Ventura o bon Velho.

3 Na simulação do carro seguiu entre mascarado de policia secreta, levando um distincto onde se lia: 4 A's ordens do Sr. commissario! alludia alludia A paça de Gervasio, que ficou como um padro de 5 bon graça portugueza.





A BATALHA DAS FLORES NO CHIADO EM DOMINGO GORDO

As festas no Chiado principiam em sabado goito com um cortejo nocturno que vou do Principe Real pelo Chiado. Era grande e aglomeração de povo, d'ahi a dificuldade que o cortejo teve na passagem. Em domingo houve a batalha das flores a que concorreram muitas carruagens, algumas chales de pithecos, como a da familia Geras de Lima, que era enfeitada com espigas, papoulas e pithecos de lavra, e a da familia Rolito, toda enfeitada de papoulas e accenas. Um carro adornoado com cobrejos

a becañola e que pertencia ao sr. João Guilherme Ba, essa era uma verdadeira satira ao carnaval civilizado. Aos lados do vehiculo havia caracas de campones portuguezes e na trazeira duas grandes figuras representavam o chitão e o valho de capote e lenço com a seguinte legenda: *Estamos de lato desde 1902*. Muitos carros, todos enfeitados mais ou menos originalmente, entraram a Chiado e no meio d'elles os pedes e algumas mascaras de gosto, como o actor Alfredo de Carvalho vestido de D. Quixote, seguido

pelo actor Caetano Reis nas vestes de *Sancho Pança*. Crianças mascaradas andavam nos trens e davam uma boa garrida e alago a batalha das flores, com os seus rosinchos mimicos, os seus fatos de off-ice, as suas exclamações, etc. De premios a'esse dia foram conferidos á original carruagem do sr. Guilherme Barbosa, aos automoveis do sr. dr. Carvalho e ao do sr. J. erg. Barway, e á bicycleta do sr. Augusto de Freitas, que se apresentou dentro d'uma gaiola a'um traje de malto.



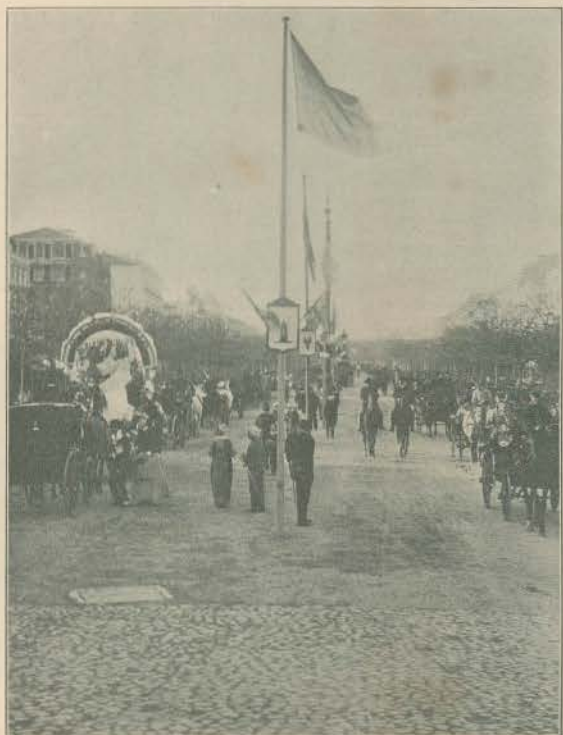
**JULIÃO MACHADO**  
Auctor das máscaras dos empresários

**O AUTOMOVEL DO SR. JORGE BURNAY QUE GANHOU O PRIMEIRO PREMIO NO CONCURSO DO CHIADO**

**JORGE COLAÇO**  
Auctor do carro do Rei Carnaval



**O AUTOMOVEL DO SR. DR. CARVALHO QUE GANHOU O SEGUNDO PREMIO NO CONCURSO DO CHIADO**



UM ASPECTO DA AVENIDA EM SEGUNDA FEIRA DE CARNAVAL



OS ACTORES ALFREDO CARVALHO E CAETANO REIS VESTIDOS DE D. QUIXOTE E SANCHO PANÇA

Primeiro premio de cavalleiros na Avenida em segunda feira gorda



O BATALHÃO DE ALFAMA QUE FOI PREMIADO COM CINCOENTA MIL REIS NO DIA DE ENTRUDO NA AVENIDA

O batalhão de Alfama era composto por grande numero de praças de marinhagem e realmente era d'um soberbo effecto. Coisa alguma falhou para o bellissimo conjuncto. A chegada do 1.º rei Carnaval, que foi escoltado pelo batalhão a bordo de *Alzôpa*, o sarganteiro que frega em terra trecoa com os barros alguns sinais admiravelmente entendidos e correspondidos. Eram perto de la

250 homens que formavam essa tropa patiosa seguida por um carro onde custabram pretes faziam cigarros e divertiam o publico com os seus jogos de padeira. Durante os tres dias foram silas as hoves da festa e a guarda de honra do carnavalesco monarcha que no seu carro dictos a foira.



## O CARNAVAL

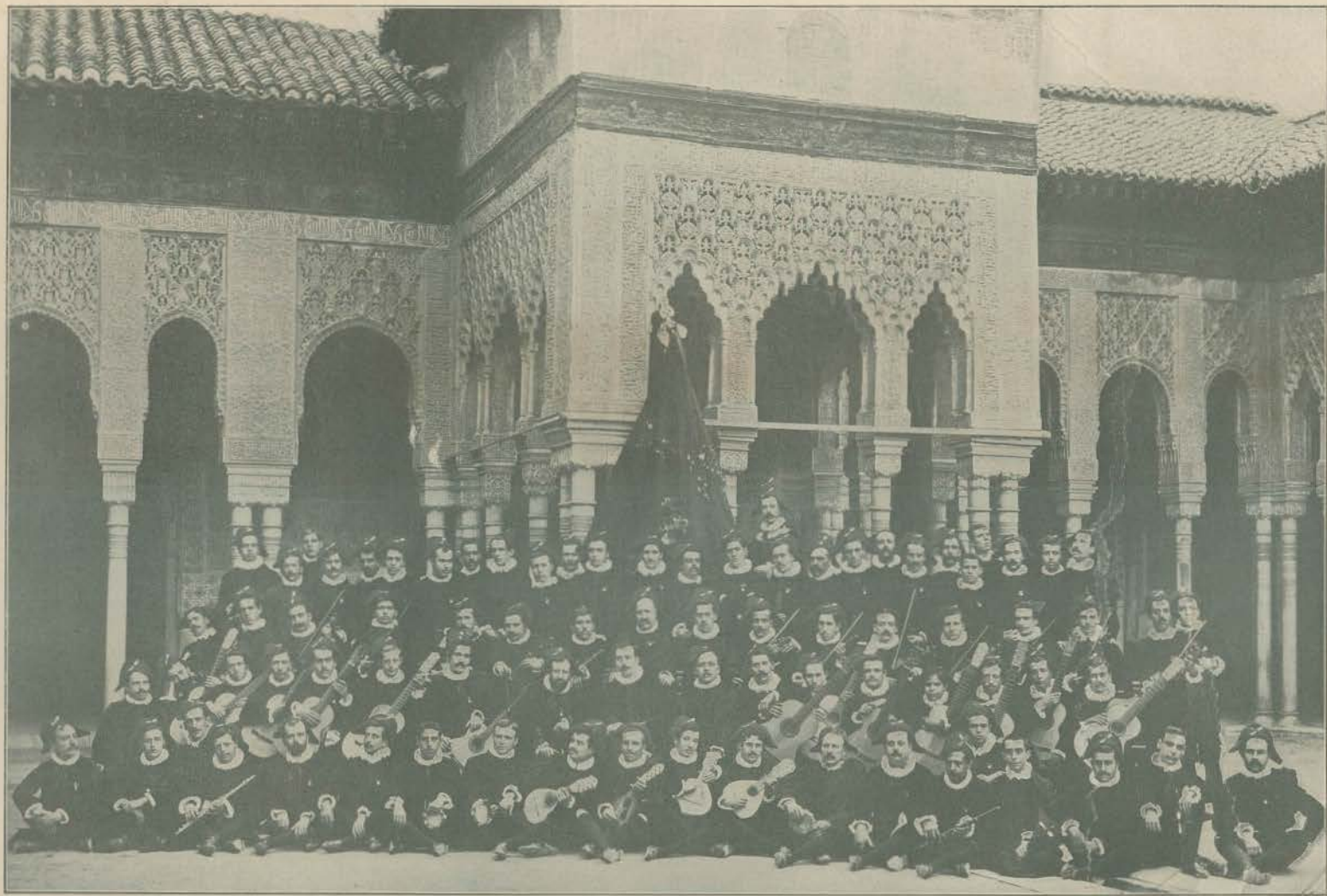
A MORDE—UM CARAMELO EM BICYCLETEA—OS SES. JOÃO ORILHO E GUILHERME JOSE DOS SANTOS, OLIVEIROS, MARGARIDAS DE SALOZI E DE KANO (PREMIADO)—O DUETO ECTHIERPE—QUATRO MASCARADOS DE VELUDO DO ASTLO



## ASPECTOS DAS HORTAS EM QUARTA PEIRA DE CINZAS

A ENTRADA DA PEIRA DE PAU—UMA RANCHEDA—NO CARAMANCHÃO—A SOMBRA

É um quarta feira de cinzas que as hortas se enchem a trabalhar. Os domingos de verão chamam muita gente nos recintos pittorescos de fora de portas, mas n'esse dia que segue ao Carnaval ha como um verdadeiro entusiasmo por essas sunchas frescas, por essas comestivas e os parreiros que começam a rebrotar. Logo de manhã os comboios e os carros despejam os passageiros nas estações e à porta das quintas, as mulheres vestidas de claro, os homens com os instrumentos, e começa a pandega que se prolonga pela tarde, despejando canções de viado e improvisações satyricas. Parteiros do chiquinho jogam, surge-se o tilitar das malhas, o ruído das diptizas, as gargalhadas dos folhos, pelas portas largas vem mais gente, caras rubricadas de actores e de pandeiros e lá pelo cair da noite todo aquillo, já consolado com um rico dia passado no campo, tendo esquecido o Estralo, se recolhe a pensão, atirando canções ao espaço pelas estradas cheias de vibrações.



REAL CENTRO PHILARMONICO CORDOVEZ

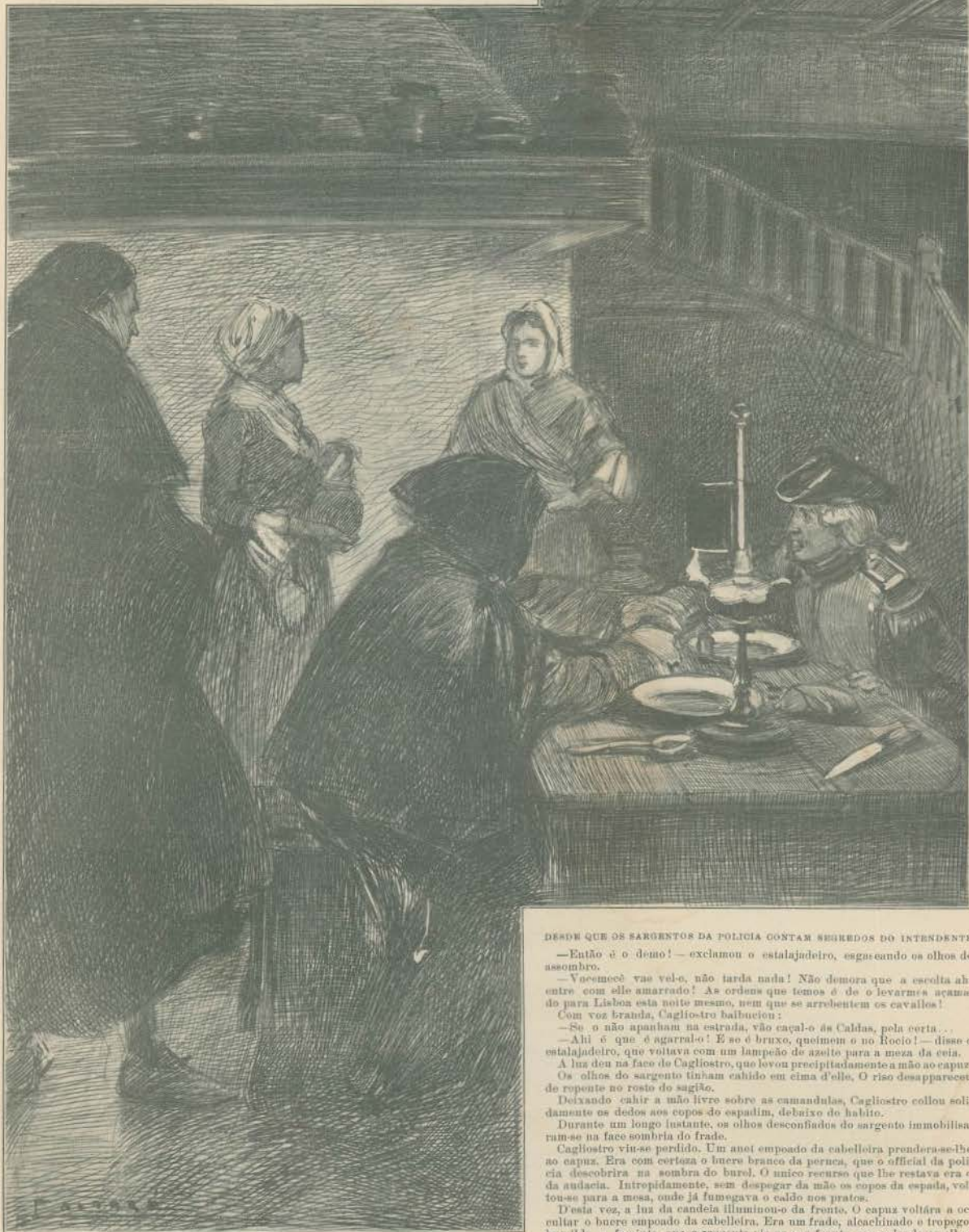
Compe-se de 100 figuras e é admirável pela execução que dá às músicas quasi todas cordovesas que tocam no sarau realiado na sexta feira no theatro D. Amelia e que foram surprehenderes. Alfonso XIII é o presidente-honorario dos philar-

monicos cordovenses e a sociedade foi fundada pelo grande maestro Luceña em 1878, obtivo o primeiro premio n'um concurso de tunas realiado em Madri em 1901, sendo desde esse tempo que lhe foi conferido o titulo de real. A Tuna Commercial

de Lisboa recoben brisamente as suas camaras, qu'as fhoram tambem ouvir nos Paços do Concelho, em casa da sr. m. musica de Hespaxha e na sede da Tuna onde houve uma festa em sua honra.

## O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS



DESDE QUE OS SARGENTOS DA POLICIA CONTAM SEGREDOS DO INTENDENTE

—Então é o demo!— exclamou o estalajadeiro, esgascando os olhos de assombro.

—Vocemêz vai vê-o, não tarda nada! Não demora que a escolta ahí entre, com elle amarrado! As ordens que temos é de o levarmos acauado para Lisboa esta noite mesmo, nem que se arrebentem os cavallos!

Com voz branda, Cagliostro balbucou:

—Se o não apanham na estrada, vão caçal-o ás Caldas, pela certa...

—Ahi é que é agarral-o! E se é bruxo, queimem-o no Rocjo!— disse o estalajadeiro, que voltava com um lampejo de azeite para a mesa da ceia.

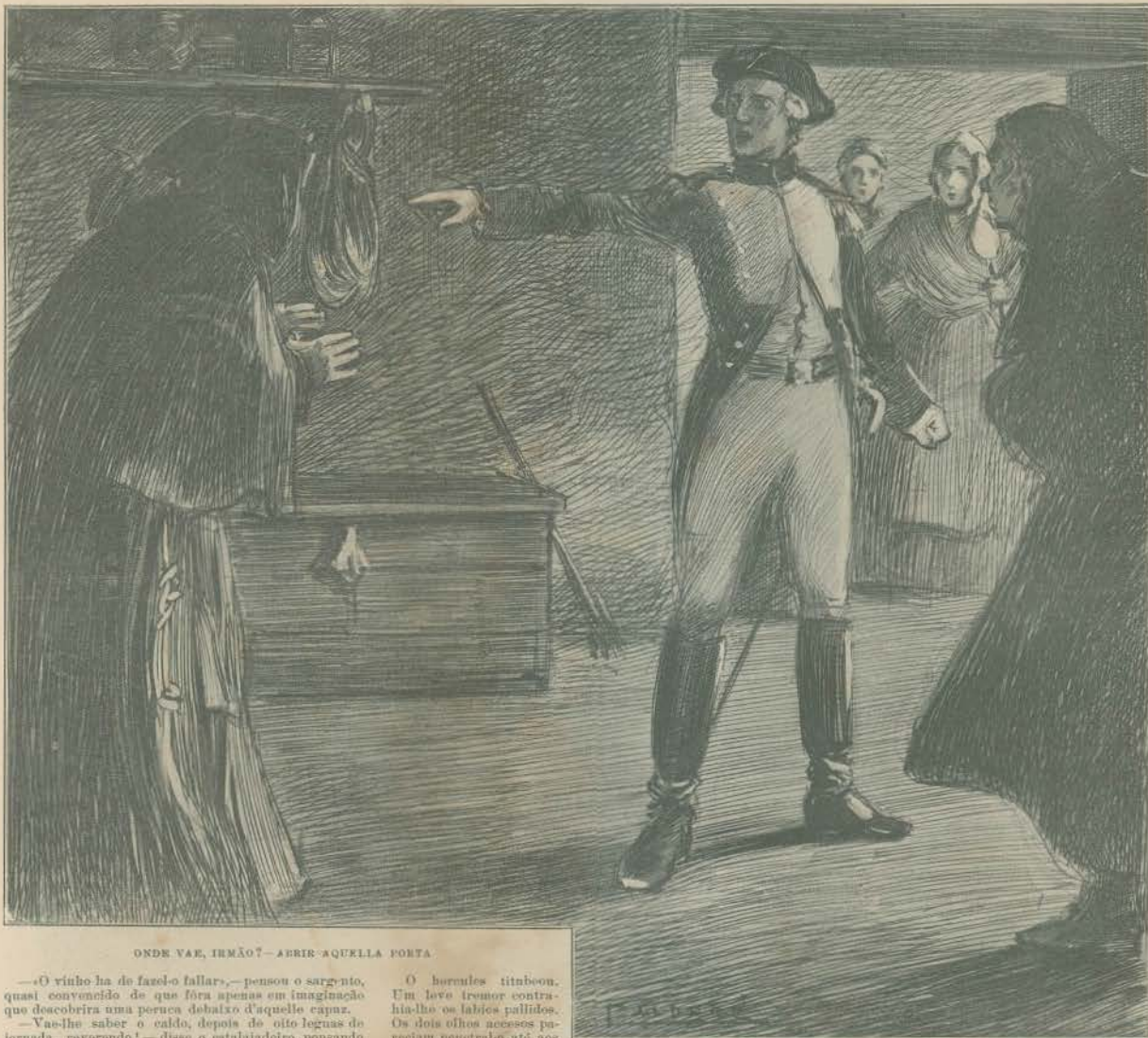
A luz deu na face de Cagliostro, que levou precipitadamente a mão ao capuz. Os olhos do sargento tinham caido em cima d'elle. O riso desapareceu de repente no rosto do sagião.

Deixando cair a mão livre sobre as camandulas, Cagliostro collou solidamente os dedos aos copos do espadim, debaixo do habito.

Durante um longo instante, os olhos desconfiados do sargento immobilisaram-se na face sombria do frade.

Cagliostro viu-se perdido. Um anet empoado da cabelleira prendera-se-lhe ao capuz. Era com certeza o buco branco da perna, que o official da policia descobrira na sombra do burel. O unico recurso que lhe restava era o da audacia. Intrepidamente, sem despegar da mão os copos da espada, voltou-se para a mesa, onde já fumegava o caldo nos pratos.

D'esta vez, a luz da candelia illuminou-o da frente. O capuz voltára a occultar o buco empoado da cabelleira. Era um frade, alacuinado e tropengo, humilde e faminto, que o sargento via na sua frente, atrechando os olhos para a mesa.



ONDE VAE, IRMÃO? — ABRIR AQUELLA PORTA.

—«O vinho ha de fazel-o fallar»,—pensou o sargento, quasi convencido de que fôra apenas em imaginação que descobrira uma porca debaixo d'aquelle capuz.

—Vae-lhe saber o caldo, depois de oito leguas de jornada, reverendo! — disse o estalajadeiro, pensando na frente dos pratos os dois escabellos.

Cagliostro fechou os olhos, bofetivamente. O seu noivado no convento dos Bonfratelli, de Castigironeo, servia-o pela primeira vez, n'aquelle hora do perigo.

Aquelle homem terrivel parecia dispôr de todos os recursos humanos, como se a natureza o houvera predestinado para os destinos mais extraordinarios. O seu olhar fulgurante amoteseceva, envolto n'uma penumbra cautelosa. A face perdia essa natural magestade para que confluiam todas as energias da sua alma de bronze. O seu corpo de hercules curvára-se, subitamente envelhecido. A sua algaravia hespanhola parecia ainda toral-o mais inoffensivo e boçal, como se fôra com effeito um frade pedinte e glutão, meio mendigo e meio parasita, que tremia de frio e fome no burel.

—Foi com certeza um sonho! — disse mentalmente o sargento, já sentado no escabello, com os cotovellos na mesa e a cabeça nas mãos abertas, olhando com fixedez o oscutando-lhe a russa latina, com que se aproximara do caldo.

Mas então, outra vez e mais distinctamente, o caracol empouca da porca branquejou no burel.

O sargento pousou o copo de vinho, esfregou os olhos, e estendendo a mão por sobre a mesa, até ao pulso do frade, perguntou baixo:

—Desde quando usam os franciscanos cabelleira empouca?

—Na face sombria, ao fundo do capuz, accenderam-se dois olhos, como dois lumes.

—Desde que os sargentos da policia vem contar para as ostalagens as diligencias secretas que lhes confia o Intendente!

O sagião estremeceu. Os cinco dedos de aço do frade estalavam-lhe o pulso, como nua algema.

O hercules titibeeou.

Um leve tremor contrahido os labios pallidos. Os dois olhos accesos pareciam penetrar-o até aos ossos, paralisando-lhe os movimentos.

—Os frades são mais discretos que os soldados. Por isso o Intendente faz vigiar os sargentos pelos frades! E Cagliostro largou a mão do hercules. Os seus olhos ardentes apagam-se.

—O vinho é de Torres, reverendo! — disse o estalajadeiro, que se aproximava com outra infusa. — Lá por se dizer na villa que o diabo apparece aqui na ostalagem, o vinho do almocorve é a ainda o melhor de Roma! Cagliostro voltou-se bruscamente no escabello.

—Já lhe appareceu o diabo?

—São cousas que dizem, reverendo!

A colher da sopa tremia nas mãos do sargento. Uma das mulheres voltou-se e benzou-se.

—Credo! Não digas blasphemias, homem! Illo-de julgar que é verdade.

O estalajadeiro encolheu os hombros, piscou os olhos ao sagião atarado.

Cagliostro olhava o scabello, e pensativo.

—Que alguma coisa ha deo verdade no que diz o povo!

Ambas as mulheres se pensignaram. A mais velha elevou para as traves do tecto o as mãos d'escarnadas.

—Está a tentar a Deus, e humem! Esse santo frade que lo diga, por esculia, se tratanho desacerto é possivel! Que tiuba o diabo que f' fazer aqui na hospedarial Tom mais que fazer o demoi, do lo que vir metter-se com a gente! Historias, que contam, é o que é! O senhor capião-mór de Roma tem-se cansado de lo dizer que o demonio não anda pela terra. ....

Cagliostro puxou o capuz f' para os olhos, voltou-se para as mulheres.

—A's vezes anda, irmã!

Animado por aquella confirmação, o estalajadeiro arrastou um escabello, sentou-se, abançou com os seus hospedes, o paxando pela aba do fraque do sargento, dobrou-se na mesa.

—Minha irmã tem-o visto mais de uma duzia de vezes!

O sagião estremeceu violentamente, perguntou baixo, com um sorriso incredulo:

—A mim?

O estalajadeiro abançou com o dedo, n'um gesto negativo.

—Ao diabo!

—Deixe-o falar, reverendo! A pobre creatura não tem o juizo todo! Dão-lhe uns ataques e quando volta a si é que conta essas cousas do outro mundo, que viu o diabo, que o diabo faion com ella. ....

Cagliostro murmurou: —O diabo falou a Christo, no alto da montanha. . . E' do evangelho de S. Mathews.

Tivido, passeando em redor os olhos assombrados, o aguçado sagião affastou o copo de vinho, levantou-se do escabello.

—Tem medo, irmão? — perguntou Cagliostro, em voz branda. — E voltando-se para o estalajadeiro, encobrido no habito, erguendo nas mãos as grossas camandulas, disse com a mesma voz doce:

—Amanhã, antes de partir para Obidos, enviarei do confiado a endemominada. . .



O CARTO DA «CASA DAS NOVIDADES», QUE GANHOU O PRIMEIRO PREMIO DO CARNEVAL RECLAMAMOS NA AVENIDA



A SR.<sup>a</sup> MEHERAJI E O SR. HOMONGE PADANJI, SEUS ESTILOS  
Os representantes da antiquissima familia da sobraza Indiana. Os parcos, que se encontram hospedados no hotel da Europa em Lisboa.

## CHRONICA ELEGANTE

Passada a febre das folias carnavalescas, que este anno marcarão com o enho de festas civilizadas sem contudo deixarem de ser allegres e animadas, outramos no tempo santo e pacifico e no periodo inicial da primavera, o mais suave, delicioso e encantador de todo o anno.

Os meses de marco até junho são em quasi todas as cidades os mais formosos.

As ruas banhadas pelas fulguracoes d'um bello sol creador ostentam nas *tailletes* dos floristas os primores das flores luxuosas de Nice, a par com a flora modesta, garrida e fresca dos proprios jardins.

A *taillette* ainda de inverno e quasi todas no genero *tailleur* já tomam uma nota mais clara e alegre nas garnições e umbrinas com o chapéu, claro ou enfeitado de flores. Parece que o chapéu pequeno está sendo objecto de evidente



FIGURA 1



FIGURA 2

preferencia, sobretudo para acompanhar as *tailletes* elegantes. As grandes *capelines* tambem se vêem muito; a moda oscilla e hesita ainda entre os chapéus muito grandes e muito pequenos.

O meio termo é que já fatigou as elegantes. Um dos luxos actuaes na questão da *coiffure* é a profusão e variedade de pregos e alfinetes. Chegam a usar-se cinco para segurar o chapéu, postos ao acaso, aqui, acolá, e todos diferentes.

O grande alfinete *alto*, feito d'alfinete de ama, é geralmente destinado a prender a *toque*, que á vezes muito adherente ao *chignon*. Os grandes pregos completam a decoração do chapéu, assim como as travessinhas que se usam tambem em quantidade nos cabelos.

Os generos mais adoptados n'estas phantasias são os esmaltes translucidos em cores pallidas que lembram as formosas joias bysantinas. Os alfinetes ornados d'amethistas, *chrysopteras*, olhos de pávo, são os mais elegantes.

Os vestidos de duas saias raras ou simuladas parecem muito adoptados nas *tailletes* de primavera. A segunda saia pela altura do joelho garante-se de uma larga renda de *guipure rosse* ou *ocree*.

Tambem ha especial predilecção pelos collarinhos de linho ou batista *incrustés* de bordados ou rondas de *filet*; os peitillos sobre os quais abre o *blouse*, casaca ou bolero bordam-se no genero oriental em sedas de varios coloridos misturadas com fios de ouro e prata.

Os tecidos preferidos são o panno fino e-liso e o *tuffetas* ou *glace*, ambos para traje de passeio elegante, *visitas*, *mullées* ou *coiffes* simples.

A renda *Luxell* em seda é uma novidade destinada a completar estas *tailletes* elegantes.

FIG. 1—*Taillette* elegante em *taffetas* gris, ornada de fitas de velludo azul de varios tons gris. *Revers* d'arminho.

Chapéu de polche branco e velludo preto, com rosas cor de rosa.

FIG. 2—Chapéu de primavera em *cheville grenat* e cor de fogo, ornado de *palmettes* sombreadas e *cabochons* de pedrarias.

FIG. 3—*Taillette* de passeio e *visitas* em panno e *tuffetas* azul pastel.

Chapéu de *monsieur* de seda preto.

Col *étale* e regalo em *renard argenté*.



FIGURA 3



# Panorama da Palestina

1, Rua Antonio Maria Cardoso, 1

O mais extraordinario trabalho artistico que se tem apresentado em Lisboa.  
A pintura e escultura dando a mais completa e exata ideia da realidade.  
Perfeita illusao d'uma viagem terra Santa, a patria de Jesus Christo.

**Todos os dias das duas da tarde á meia noite.**

# MERCURIO

Companhia de Segguros Maritimos e Terrestres  
Capital 2.000.000\$000

Deposito no Thesouro Federal  
Reis 200.000\$000

Incorporada a 15 de Janeiro de 1906  
Incorporada pela Associação das Empregados no Commercio a 10 de Janeiro de 1910

41, Rua Primeiro de Março, 41

RIO DEE JANEIRO

Tem pago sinistros, abastecendo resseguros, em seis semestres, mais de 1.000.000\$000 reis

Directores: José Ribeiro Duarte, Honoreiro; Thomas Costa e Joaquim Naves de Rocha

Address telegraphico: Azougueiro (Cod. Ribeiro)  
Address do Correio n.º 36—Telephone 339

Toda agencia no Porto e em as outras cidades

# VINHOS ESPUMANTES ASSOCIAÇÃO VINICOLA DA ARRA



AGENTES EM LISBOA: SANTA BARBARA & CA, S. L.

CASA DE MODAS  
Lopes de Sequeira  
Rua do Ouro, 283 a 290



**VIZELLA**  
RETROZARIA  
Fim da estação 78, ROCCIO, 80  
Saldos vantajosissimos  
GRANDES DESCONTOS

Mutual Reserve Life Insurance Company  
De NEW-YORK  
COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA  
Rua Azeite, 178, 179 - Lisboa

# CASA AMIEIRO, SIUCCESSORES

TELEPHONE N.º 1110

ATELIER DE ALFAIATE

# A. C. LOPES & C.

CONFECÇÕES PARA HOMENS E SENHORAS 55, Rua Ivens, 57, 1.º LISBOA

# Curso nocturno PEREIRA DE SOUZA

Para senhoras, idiomas e critica, em classes separadas. Francês, inglês e allemão por professores estrangeiros. Instrução primaria, aperfeiçoamento e para exames, escriptura, contabilidade e escripturação. Para as senhoras o curso em dactilo.

CONCURSOS—(utilizam-se os concursos das diversas escolas de todas as litters e Comprehensivas.)  
Para a provincia e allem do continente — Estudos por meio da correspondencia, calligraphia, nomenclatura e escripturação.  
Telephone n.º 30  
Rua Nova do Almada, 53, 3.º

Antiga fabrica de fios, canestros, lantejoulas, galoes e remolas de ouro e prata fina. (Estabelecimento fundado em 1811, N.º 5, Rua de S. Joao, n.º 7, 1.º—Agrupamento Para de vinho Verde, N.º 1, junto á Igreja de S. Luiz.



— Construa-me com as CONSERVAS e PICKLES de LOPES, da COELHO DIAS & C. MATEUS DOS SANTOS



ANTIGA CASA LIAL (CABELOS E CABELLOS)  
GUARDA - CHUVAS E BENGALAS NACIONALES E ESTRANGEIRAS.  
5 ANOS DE IMPORTAÇÃO DIRECTA DOS PRINCIPAES PRODUCEDORES COMPLETAS NOVIDADES EM CARDS DE PHANTASIA

# A CASA AFRICANA 152, 154, 156 RUA AUGUSTA

LIQUIDAÇÃO AUTHENTICA DE TODOS OS ARTIGOS DE INVERNO

Em virtude da proxima mudançã d'este importante estabelecimento e seus grandes armazens para a nova e mais sãtilada na mesma rua, para um amplo e espaçoso edificio com vinte portas e 6 numerosas vitrines, a

# CASA AFRICANA

vende por preços mais baixos e com plena e aberta concorrência em todos os estabelecimentos da capital todas as fazendas, modas e confecções de inverno com descontos enormes e que mais NENHUMA OUTRA CASA pode fazer ja porque as fazendas da CASA AFRICANA A são compradas directamente e em condições excepcionares, em virtude das grandes encomendas, e tambem porque deseja saldar toda a existencia dos mesmos artigos de inverno.

# Ilustração Portuguesa

## CAPAS ARTISTICAS

Brilhantes capas em porcelina encarnada, a ouro e cores, superiormente illustrada por Santos Silva, para a encadernação de cada semestros da notavel revista

## Ilustração Portuguesa

Capa e respectivo indice, para cada semestros 700 rs.



SAPATARIA PARISIENSE  
EDUARDO DE SOUSA  
CALÇADO DE TODAS AS QUALIDADES  
33, RUA DE SANTA JUSTA, 57 LISBOA

C. MELHIA DIGESTIVO TONICO NERVOSTHENICO  
**VITALOL**  
DE Meyrelles & Moura Brasil  
A criança — o superior tratamento da gripe — tem, adolecendo o valor nutritivo do vitalol, sua melhor aliada contra a perda de phosphores, tuberculose — Infecções — Tracheopatia — Neurasthenia — Inutilidade geral — Surdez — Cancro phisico e intellectual — Digestão difficil — Impotencia — Esquecimento — etc.  
DEPOSITOS  
Rua de Janeiro Rua S. Pedro, 59 — Rua Gonçalves Dias, 71  
Belaia — Droguaria America  
R. N.º 1084 — R. N.º 1084/1085



FRANCISCO COSTA

Este vinho, genuino de Collares, acha-se á venda nos principaes hotéis, restaurantes e mercearias

Deposito geral: Praça da Alegria, 40 Telephone n.º 300 LISBOA

# NESTLE

FARINHA LACTEA



# A Companhia Franceza DO GRAMOPHONE

Faz saber ao publico em geral e aos seus clientes da provincia que andam por fóra alguns caixeiros viajantes que se dizem empregados da **Companhia Franceza do Gramophone**, apresentando discos e aparelhos que nada tem de commum com os productos da mesma companhia, já pela sua flagrante inferioridade, já pela sua procedencia, e **AVISA** que os seus empregados e caixeiros de provincia são obrigados a apresentar uma carta assignada pela gerencia da mesma companhia, e que só a elles devem ser dadas as encommendas.

## Brevemente

Apparecerá o novo catalogo de discos, notavelmente enriquecido com todas as ultimas novidades de maior sensação e successo em que figuram as vozes das maiores celebridades musicaes, artistas, orchestras, cançonetas de genero, etc., etc., etc.

**A Companhia Franceza do Gramophone** é a unica que possui um repertorio completo de musicas de todo o mundo, e a que tem a maior e mais completa colleção de discos em todos os idiomas.

### AGENTES EM LISBOA

SANTOS DINIZ — Avenida da Liberdade  
A. C. CALDERON — Rua de S. Nicolau  
LEOPOLDO WAGNER — Rua do Ouro, 72  
EDUARDO BAPTISTA — Rua do Ouro, 175

### AGENTE NO PORTO

ARTHUR BARBEDO — Rua Mousinho da Silveira,  
310, 1.º

### AGENTE EM BRAGA

MANUEL ANTONIO MANEIRO GOMES

Nova installação da Companhia Franceza do

# GRAMOPHONE

Largo da Rua do Principe, S. A. — Lisboa



